

4468  
1623  
1606

ESPECIAL

PIX  
3

# Xingu, o coração do Brasil



*Eles entraram no sertão em 1943; saíram 32 anos depois. Fundaram cidades, batizaram rios, abriram picadas e inventaram aeroportos. Viveram perigos e tiveram honrarias. Mas o que eles não esquecem mesmo é um lugar extraordinário onde homens sem roupa nem patente ensinam lições de convivência com o mau e com os espíritos. Um lugar que, mesmo açoitado pelo boi e pelo fogo, não desiste de fazer a sociedade branca se repensar e se redimir. O nome do lugar é Xingu, o coração do Brasil. Eo deles é Villas Bôas ou d'Junuá, "pai", como preferem os índios.*

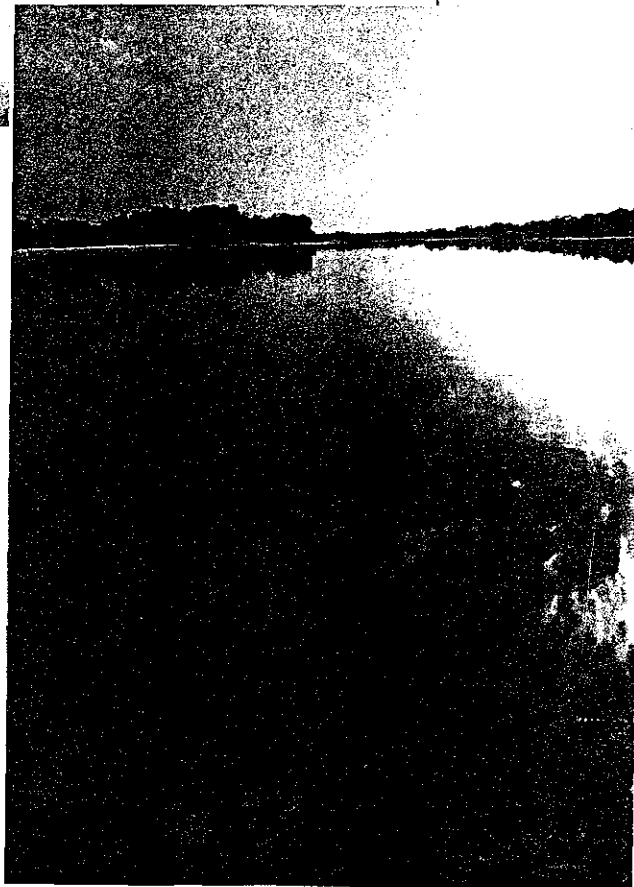
Por Cláudio Cerri  
Fotos Ernesto de Souza



vát é o termo que os índios usam para designar o refúgio onde se exaure uma dimensão da alma depois da morte. O Ivát é um simulacro da vida. Uma sombra dela. A memória silenciosa do mundo onde os rios não têm peixe, a floresta é desabitada, não há riso nem alimentos. Bem acima, muito além, fica o Ivát-Ivát, o céu do céu. É o remoto absoluto. Aqui não subsiste o mais tênue vestígio de formas terrenas, pois no Ivát-Ivát não mora ninguém, só Iacuaráp: a sabedoria. E é para lá que vai Iacatu, nossa alma boa e eterna.

Agora, imagine a seguinte cena: no distante mundo de 1947, quando a humanidade contabilizava a carnificina de uma guerra marcada pela intolerância racial e a rapinagem de territórios, três aventureiros brancos, paulistas jovens ainda, três irmãos na faixa dos 30 anos, ouviram essa sofisticada explanação espiritual da boca de um homem nu. O corpo acastanhado de urucum, cabelos grossos em franja, colares e enfeites de penas eram de U-arú. Um índio da tribo dos camaiurás, recém-contatado por eles.

O cenário merece ser revisto e é para lá que seguimos agora, nessa manhã de setembro encoberta por uma névoa seca que prenuncia o fim do verão — que aqui significa estio — e o início das chuvas — o “inverno” regional. Estamos na zona de transição entre o cerrado e a mata amazônica e esse é o regime que vigora daqui por diante. Foi aqui no sertão do norte do Mato Grosso que a conversa extraordinária se deu. Uma conversa de barranca de rio, entremeada de silêncios refletidos nas águas sinuosas do Culuene, perto do porto do Iacaré, que mais tarde ganharia uma pista de pouso da FAB, até hoje usada pela Funai. Algumas curvas adiante, que justificam seu nome, o Culuene (curvas) mistura sua correnteza às do Ronuro e do Tamitatoala — ou Batovi —, num afloramento de pedras famoso e de navegação perigosa em épocas de águas rasas como agora. Quem nos conduz até lá é a experiência e a habilidade de Aru, um “piloteiro” de óculos e tênis, mas que em casa fala o *trumai*, língua que os pesquisadores consideram a mais estranha do mundo, porque não guarda semelhança com nenhuma ou-



Culuene significa rio das curvas. É um dos três principais formadores do Xingu

tra do planeta. De onde terão vindo os *trumais*? Aru é um dos sete últimos membros de uma tribo — *trumais* muito mestiçados com *cajabis* — que ainda se comunicam através desse código em extinção. O local para onde esse enigma humano nos leva é o *Morená*. A tradição indígena diz que é uma praia sagrada, porque foi nela que a vida começou, o que o IBGE confirma pelo menos em parte: nessa confluência fluvial nasce o Xingu.

O mais índio dos nossos rios chega ao mundo com uns 400 metros de largura. Um *curumim* promissor. E, à medida que avança pelos vertedouros do Mato Grosso e do Pará, vai alargando seu lombo escuro, cor de *jenipapo*, para ganhar corpo e escalarvar um poderoso corredor fluvial numa das paisagens mais inacessíveis e selvagens do país. Quando deságua

na margem direita do Amazonas, a 1.890 quilômetros daqui, tem uma boca de 3 mil metros de extensão e deixou para trás quase 200 quilômetros encachoeirados, que começam nos pedrais da Von Martius, quase na divisa com o Pará.

Na verdade, mais que uma conversa de barranca de rio, o que se deu nesse entroncamento geográfico e místico, que reflete o grande condomínio de natureza e espírito que é o Xingu, foi talvez uma conversão. Um ritual de catequese às avessas. Nele, três espíritos brancos foram tocados por um *manaé* (espírito) *camaiurá*, num episódio que iria introduzir uma dose inédita de delicadeza e humanismo no futuro das relações entre índios e brancos no Brasil. “Aquilo nos tocou profundamente.” Quem fala agora é um dos participantes do encontro. Aos

82 anos, exhibe memória prodigiosa e uma vitalidade sertanista pouco afeita ao tom de voz assim contido, quase cerimonioso com que narra o episódio. “Não dava mais”, desabafa aliviado, já de volta ao seu jeito extrovertido e contundente de falar. “Ali ficou evidente para nós que índio não era um bicho de preação, alguém sem valores, um estorvo a ser afastado a qualquer preço em nome do progresso. Estávamos diante de outra forma de humanidade. Mais frágil tecnologicamente; mas cultural e espiritualmente grandiosa. Que fazer com ela?”

Criado em 1961, no breve, trepidante governo do presidente Jânio Quadros, o Parque Nacional do Xingu é a primeira e a mais importante reserva indígena brasileira. Ele se estende por 26 mil quilômetros quadrados ao norte do Mato Grosso, entre 10 e 12° abaixo do Equador, alongando-se entre 53 e 54° de longitude oeste. Tem acima uma vizinhança contígua de mais 6 mil quilômetros quadrados, protegidos desde 1991, onde estão as reservas *caiapós* do Jarina e do Capoió — esta já no Pará. O rio Xingu é a avenida central desse relevo plano e intocado, coberto por uma formação de matas altas, respontada de bolsões de campos cerrados. Nessa estrada líquida transita a vida da reserva. Mas a paisagem é entremeada de inúmeros outros cursos, alguns de transparência desconcertante, como o *Tuanuari*, além de lagos belíssimos como o *Ipavu*, dos *camaiurás*. O parque é habitado por cerca de 3.800 índios, 17 etnias distribuídas em 30 aldeias onde se fala uma dúzia de línguas. Não existe



Entre Mato Grosso e Pará, o Xingu ganha velocidade nas corredeiras da Von Martius

diversidade igual em área equivalente no mundo. É por isso que o etnólogo francês Claude Lévy-Strauss elegeu o Xingu como o mais rico estuário lingüístico da Terra. É também um exemplo de comunidade solidária de nações. Uma experiência de vida na qual a guerra tribal foi substituída pela paz, e a ganância trocada pela partilha de um bem comum: a fartura dos seus rios e matas. Há 33 anos vem dando certo.

O parque foi a resposta que os personagens brancos dessa história começaram a intuir depois da conversa que tiveram nas barrancas do Culuene. Consumou, no dizer do escritor e jornalista Antonio Callado — que apoiou ativamente a criação da reser-

va nos anos 50/60, quando dirigia o extinto *Correio da Manhã* —, o maior romance da história brasileira: o caso de amor entre três irmãos brancos e os povos indígenas. O sobrenome deles é *Villas Bôas*, herança colonial portuguesa que os índios relevam e freqüentemente saúdam com uma exclamação: “D’junuá!” — pai.

Dos três aventureiros brancos da barranca do Culuene, hoje restam dois. Orlando, o expansivo narrador do caso, e seu irmão, Cláudio, de 81 anos. Leonardo, o mano caçula do trio, faleceu na época da criação da reserva, com a saúde fulminada na selva. Havia um quarto, Álvaro, morto em 1995, que sempre se manteve na retaguarda dos aventureiros. U-arú, o interlocutor *camaiurá*, também já se encontra entre o Ivát e o Ivát-Ivát, gozando merecido repouso pelo serviço prestado à sua gente.

Meio século depois que tudo começou, resta saber o que os povos indígenas ainda têm para ensinar à sociedade branca, novamente atormentada pela intolerância racial e a exclusão econômica. Assim começa nossa conversa, com essas duas legendas de uma profissão que morre com o século: a de sertanista. “Eles já nos deram tudo. Mas ainda podem oferecer uma dose intacta de humanidade. Neles nos enxergamos originalmente e nos medimos, com nossos acertos e descaminhos”,



Cláudio e Leonardo, em 1944, início da *Roncadour-Xingu*. Os irmãos Villas Bôas aprenderam tupi-guarani e mais 11 dialetos. Criaram uma utopia de 26 mil km<sup>2</sup> no norte do Mato Grosso, um Estado índio dentro do Brasil: o Parque Nacional do Xingu



O Morená é um entroncamento de águas sagrado: começo da vida e berço do Xingu

responde Claudio. A voz sai macia e baixa, uma modulação tipicamente sua, mas acentuada pelo cansaço e a saúde frágil. Um furacão ao seu lado dispara frases no telefone que não pára de tocar. É o mano Orlando, que transborda energia e monopoliza todo o ambiente nessa casa ampla que a família ocupa no alto da Lapa, em São Paulo, adquirida com o dinheiro de um prêmio recebido do Parlamento Latino-Americano. Afora isso, os Villas Bôas vivem das aposentadorias da Funai, minguados direitos autorais de uma obra extensa e valiosa e um patrimônio ínfimo — perto da vida inteira que dedicaram ao Brasil.

Eles entraram no mato em 1943, quando o Brasil era uma provincial litorânea com 43 milhões de habitantes. Fizeram 2.800 quilômetros a pé na selva, onde a oferta é que determina o passado, e o cardápio nem sempre vai pelo convencional: anta com mel, por exemplo, "na falta de sal"; tamandua-mirim, "bem assado", e até macaco cru; além de refeições mais frugais, como cobra, gafanhoto na brasa — o camarão do índio —, onça e arara. "Arara a gente não comia, mascava, tão dura era a carne", ensina Orlando. Viram surgir 43 cidades no seu rastro; contataram 20 tribos; abriram pistas de pouso e bases aéreas, mas, principalmente, o que eles fizeram de melhor foi plantar uma idéia preciosa nos corações e mentes deste país: a de que era bom conviver com índios. Muito me-

lhor do que destruí-los. Foi com os Villas Bôas que o Brasil passou a ver seus nativos a partir de uma nova estética: a do sorriso. Guerreiros, curumins e cunhaporãs (moças bonitas) alegremente enlaçados a esses d'junúas bonachões passaram a povoar a imprensa e o imaginário nacional. Eles deixaram a selva 32 anos depois, em 1975, e encontraram um Brasil modificado. Uma nação com mais de 100 milhões de habitantes impulsionada por um desenvolvimentismo que prometia "interiorizar o progresso" — a ferro, fogo e patas de boi. Tudo regado pela dinheirama de incentivos fiscais a discutíveis projetos agropecuários. Vários deles ao longo da BR 158, que sai de

Barra do Garças (MT) e segue no rumo norte, perseguindo trajetos e picadas que os Villas Bôas ajudaram a desbravar.

Ermitão, apaixonado pela beleza indígena. Claudio não constituiu uma família convencional, branca. Mas Orlando casou-se com a simpática Marina, ex-enfermeira do Xingu, a quem dezenas de curumins devem a vida. "Óbito infantil no tempo da Marina era zero", orgulha-se Orlando. O casal tem dois filhos: Villinha, estudante de Direito, e Noel, vestibulando de medicina, que rastreia os passos do doutor que lhe inspirou o nome: o médico Noel Nutels, imigrante ucraniano, saudoso amigo da família e adorado pelos índios, aos quais dedicou doses preciosas de penicilina e amor numa época em que seus pulmões sofriam com a aproximação branca. É dessa sucursal da história brasileira, dessa "maloca urbana" transbordante de memória e de atualidade, cartas, comendas, fotos e dedicatórias de presidentes, príncipes e reis, cocarres, arquivos, dentes de onça, bordunas, livros e mapas, que os Villas Bôas despacham para um Brasil que não os esquece e os solicita. Telefonemas, convites, conferências, viagens... Uma procura cotidiana e insistente, 20 anos depois de terem deixado a selva. Como se houvesse a necessidade visceral de escarafunchar esse derradeiro frescor de memória, de sorver esse cadinho de intimidade que resta com nosso passado índio e a partir daí — quem sabe?



Foi a partir dos Villas-Bôas que o país mudou seu imaginário sobre os índios. Risos e abraços substituíram a idéia de um confronto entre duas humanidades inconciliáveis. Orlando com txcãos/1964; Claudio com calapós/1953 (Raoni à esq., de calção)



Octogenários, Orlando e Claudio continuam sendo uma referência forte do Brasil

— desembaraçar os fios de um nó cego que se chama futuro. O futuro frívolo e sem rosto parece ter cúmes desse refúgio brasileiro e ronda nossa conversa como um pedinte de identidade. Afinal, que importância o índio ainda pode ter num mundo que se desfaz de todas as utopias; que vive a embriaguez do presente, como se despenhasse o passado e não acreditasse mais na capacidade de surpreender desse danado do futuro? Ei-lo, de novo, atravessando o assunto. Cláudio nos examina e medita protegido por um par de lentes grossas de um verde escuro impenetrável. Atrás delas, talvez busque respostas nas imagens de uma biografia transgressora, misto de inte-

lectual e sertanista. "Poderia citar a medicina, o convívio com a natureza... mas o legado crucial para nós é a alegria de viver dessa gente. Eles estruturaram uma sociedade baseada numa sofisticada simplicidade capaz de conciliar uma enorme liberdade com respeito humano. É por isso que você nunca vê índio assim, casmurro como eu. Eles sorriem da vida", brinca Claudio.

Desbravadores são seres híbridos que atravessam os limites da própria pele e muitas vezes não conseguem retornar a ela. Transgridem o espaço de seu tempo e de sua cultura. Escancaram os vazios de seu mundo e nem sempre encontram com o quê preenchê-lo. Não foi esse o caso dos Villas Bôas e é daí

que emana, talvez, o fascínio que exercem — tanto no presente, quanto no futuro. Além de 200 malárias cada um, eles contraíram e trouxeram do sertão o "vírus" benéfico do respeito à diversidade cultural e humana, um valor tão arrojado que até hoje muita gente continua imune a ele. Mas, justiça seja feita, em tudo nessa vida há um precursor. E o deles foi o patrono do indigenismo brasileiro, o marechal-astrônomo Cândido Mariano da Silva, o Rondon (1865—1958). Chefe da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas — cujos postes continuam de pé, sertão adentro —, Rondon percorreu o país no início do século e inaugurou a prática do contato pacífico com as tribos. "Foi ele quem humanizou a figura do índio quando a preação, a caça a esses povos, era tão natural quanto tocar uma anta", observa Orlando, que agora já assume seu papel de condutor da conversa.

s Villas Bôas foram contemporâneos de Rondon no SPI — o Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910, que antecedeu a Funai, surgida em 67. Dele, guardam cartas escritas numa caligrafia antiga e elegante, encharcadas de História e deferências, que Orlando relê com indizível emoção. Sucessores desse pioneiro que imaginava integrar sem destruir, souberam porém enxergar o reverso produzido pelas picadas que ajudavam a abrir no mato. Alguns anos de aventura e meia dúzia de contatos foram suficientes para os Villas Bôas perceberem que era preciso retardar ao máximo o processo de integração, estabelecer uma carência, uma trégua que seja, até que o progresso — não o tecnológico, mas a evolução espiritual da sociedade branca —, como adverte Claudio, preparasse seus membros para o convívio com a diversidade.

"Tá longe ainda", sublinham esses sertanistas modelados pelas tribos que contataram; transformados na mais contundente mensagem de paz dos povos indígenas ao mundo branco. E que souberam retribuir ensinando-os a não deixarem de ser o que eram:



índios. "O marechal de boa fé achava que eles poderiam se integrar ao desenvolvimento nacional: nós não", diz Cláudio que sabe fazer perguntas embaraçosas: "Integrá-los em quê? Tirá-los da harmonia com a natureza para integrá-los hoje em quê?"

Cláudio e Orlando personificam a convivência fraterna entre as diferenças que pregam. São duas almas distintas, mas complementares. Cláudio não disfarça a introspecção, na qual muitos enxergam apenas a camada da timidez, mas que reveste também um deliberado distanciamento social. Estudioso de filosofia, leitor insaciável, foi ele quem passou os mais largos períodos mergulhado no universo indígena. Nove anos até, direto, sem intervalo, habitando malocas desprovidas de maiores elos com sua origem branca, exceto pilhas de livros de Kant, Heidegger, Sartre, Marx, Rousseau, Kierkegaard. Cláudio fala pouco e não faz concessões. Resume-se como um "casmurro convicto", mas aos 81 anos talvez fosse mais apropriado incluí-lo na tribos rebeldes incorrigíveis. Orlando, um ano mais velho — nasceu em 12 de janeiro de 1914, em Santa Cruz do Rio Pardo (SP) — é, ao contrário, pura explosão de vida. Inteligência sagaz, um talento literário, transpira intimidade com a História brasileira que fatia em miúdos e tempera com a mordacidade de um hábil contador de *causos*. É impagável nessa arte cabocla quase extinta de relatar interpretando o que o enredo pede e a ocasião recomenda. Orlando tem o sertão na alma e na garganta. E o Brasil na palma da mão. "Ali", diz ele, já meio impaciente com a ignorância cartográfica do interlocutor, "na margem esquerda do Xingu, abaixo da Von Martius e do Porori, você segue direito: encontra um jatobá imenso, é o centro geográfico do país". Assim, como se informasse a padaria da esquina, Maneja todos os recursos da oralidade com o talento de quem aprendeu a distrair a solidão das noites sertanejas nos cafundós do Brasil, onde homens rudes reuniam-se ao pé do fogo, sem imaginar que no futuro seriam eles



No parque vivem 4 mil índios e 17 etnias diferentes. É o maior mosaico de...

...línguas do planeta. A influência branca é lenta e gradual

mesmos personagens de histórias que tanto gostavam de ouvir. E Orlando de contar. Se o Xingu fosse uma república — com certeza, das mais felizes da Terra — Orlando provavelmente ocuparia o posto de chanceler. Não sendo, funciona até hoje como uma espécie de embaixador plenipotenciário, informal, junto ao mundo branco. Um cargo que ele acumula com o de porta-voz

autorizado — e bote voz nisso — dessa entidade suprapartidária nacional chamada Villas Boas. Historicamente, ela foi cortejada por presidentes e ditadores, mas nunca conquistada em definitivo por nenhum deles. Juscelino, por exemplo, em vez de criar o parque do Xingu, ofereceu cargos públicos vitalícios aos Villas Boas. Declinaram. Jânio quis nomear Orlando interventor no Amapá. "Eu hein?" Castelo Branco perguntou se não iriam colaborar com a *Revolução*. "General, estamos a serviço do Brasil há anos..."

Freqüentemente, os políticos é que foram seduzidos pelos *mamaés* que esses irmãos carregam nos bolsos, para desembaraçar providências que fizeram do Xingu um modelo de harmonia em termos de reserva indígena. Um legado que até hoje impressiona pela sua estabilidade, apesar dos desmandos cíclicos da Funai — o posto Leonardo, por exemplo, à margem do paradisíaco Tuatuari, está abando-

nado. "Estive no Xingu no final dos anos 80, depois de 35 anos da última visita", conta o romancista Antonio Callado, "é inacreditável como o índio continua índio quando deixam. A natureza, as aldeias, os rios, os lagos, as pessoas, tudo está intacto, saudável, funcionando. Isso num país onde nada funciona, nem bem começa e vira ruína, é milagroso!", comemora. Mais extraordinário ainda, como o próprio escritor lembra, é que foi tudo feito na base da paixão, com poucos recursos, num tempo em que paixão ainda era capaz de suplantar certa "racionalidade" que despreza valores sem cotação em Bolsa. "É por isso que deu certo. Tanto que as outras reservas, as mais recentes, estão em frangalhos. O Brasil precisa de novos Villas Boas", repica Callado.

Rapazes ainda, vindos do interior paulista para a capital, os irmãos Villas Boas — 11 ao todo, sendo seis homens — ficaram órfãos em 1941. "Órfãos e duros, do

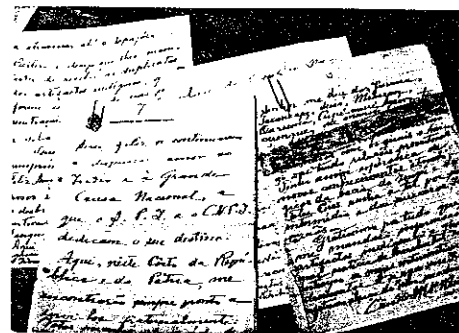
dia para a noite", qualifica Orlando. Filhos de família bem situada, deram tudo com a doença do pai e foram morar numa pensão modesta na rua Benito Freitas. Foi nesse trânsito da vida que experimentaram a sensação de um certo desgarramento ante a sociedade branca. Embalados pelas leituras de Euclides da Cunha, do general Couto Magalhães — que desbravou o rio Araguaia em 1866 — e pelas conferências

do marechal Rondon, resolveram então aventurar no interior brasileiro. "O Brasil naquela época terminava em Uberlândia (MG)", especifica Orlando. "Ali era a boca do sertão." O Araguaia arrematava o limite extremo a oeste, desenhando uma fronteira líquida que separava o país litorâneo e europeu do assombro representado pela mataria desconhecida. Coincidentemente, essa imensidão remota do território começava também a ser objeto das atenções oficiais. "A Guerra satirava os espíritos", interpreta Orlando, que puxa pela memória um Brasil 53 anos mais moço. "Havia no ar uma compreensível demanda por esperança. E tinha também aquela lengalenga de transferir a capital federal, do Rio, para um sítio mais protegido do interior; com o conflito, a idéia ganhou atualidade", resume. Além disso, havia o Estado Novo, a ditadura Vargas. E um emergente nacionalismo conservador dava os primeiros passos na arte de empurrar para a geografia os problemas sociais (Leia "Rumo ao oeste"). O país ainda tinha 68% de população no campo. Mas a crise do café e o êxodo rural traziam uma média de 500 mil pessoas por ano para uma rede acanhada de cidades. "Casa e terra para todos no Brasil Central", estampavam as manchetes da extinta Folha Carioca, em 1944. O foguetório baseava-se nas expectativas criadas com o anúncio de uma bombástica expedição oficial à Serra do Roncador, no longínquo Mato Grosso. A serra, na verdade, não passava de uma chapada, até >



Callado: Xingu é obra da paixão; por isso dura

AMÉRICO VERMELENO



Cartas do marechal Rondon aos Villas Boas. Unia-os o interesse pela causa indígena. Rondon, um militar positivista e vitoriano, achava possível integrar tribos inteiras "no desenvolvimento nacional". Hoje, Cláudio questiona: "Integrá-los em quê?"



Bico da serra, em Xavantina (MT), um dos primeiros acampamentos da expedição

mansa, cujo magnetismo maior era esconder, em algum socavão, uma suposta mina dos Martírios. A mesma que, nos livros escolares, vem associada à figura do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que cansou de procurá-la entre Goiás e Mato Grosso e nunca a encontrou. Na borda leste do Roncador, fica o rio das Mortes, afluente do Araguaia. Nos vales a oeste, encontra-se a bacia do Culvene. Atravessando o Roncador e o Mortes, a expedição alcançaria o Culvene para daí penetrar no "ignoto" — jeito chique, na época, de se referir ao coração do país, onde corre o Xingu. Esse era o plano inicial.

Os detalhes só vieram a ser conhecidos agora, depois que os Villas Bôas transformaram seu diário de expedição num livro de 615 páginas, *A Marcha para o Oeste — A Epopéia da Expedição Roncador—Xingu*. Publicado em 1995 pela Editora Globo, o livro ganhou o Prêmio Jabuti, constituindo-se num raro documento sobre uma das maiores aventuras brasileiras deste século — mas da qual pouco se sabia. Os arquivos da Fundação Brasil Central, braço administrativo da missão, foram picotados em 1979, em Brasília, "para fazer espaço" na extinta Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste, a Sudeco, cujo legado não inclui memória nem lacuna. A decisão de organizar a comitativa porém quebrou uma omissão.

Até então, o Brasil inchava de orgulho e discutia seus "vazios" territoriais mas, à distância; na praia. De preferência em torno de uma cervejinha, que ninguém era louco de sair por aí nesse cafundó do deus-me-livre, infestado de índios e cafunços, uma cabocladada quase tão selvagem quanto as onças que brotavam do chão. Aimensidão do Centro-Oeste era um desses fins de mundo, um cornimboque dos dias, como se dizia nos anos 40.

Com cerca de 19% do território, 1,6 milhão de quilômetros quadrados, a região exibia na época uma densidade demográfica de apenas 0,5 habitante por quilômetro quadrado (hoje, 6,7 habitantes por quilômetro quadrado, para uma média nacional de 17 habi-

tales por quilômetro quadrado). Parecia realmente um vazio disponível e complacente a qualquer sonho. O do ministro da Mobilização Econômica de Vargas, por exemplo, João Alberto Lins de Barros, chefe e um dos ideólogos da expedição — com certo traquejo no ramo, pois participara da Coluna Prestes entre 1925/27 — era preencher essa opacidade cartográfica com 10 milhões de cabeças de boi...

"A expedição não tinha nada a ver com índios", recorda Orlando, cuja intimidade com a História destrói compêndios e realça o peso perturbador do acaso na trajetória de heróis e nações. Ele enumera nos dedos: "O negócio ali era braçal, serviço duro. Abrir picadas de estradas, selecionar áreas para povoamentos e construir pistas de pouso para abastecimento civil e militar. Na época, as aeronaves não tinham autonomia de vôo e o governo queria consolidar a ligação aérea Norte-Sul pelo centro do país. Uma questão de segurança", explica.

Jovens, disponíveis e em busca de aventura, os Villas Bôas — Leonardo, histórica: "Com isso, a segurança de Claudio e Orlando — inscreveram-se rapidamente na expedição —, mas fingendo-se de analfabetos. O recrutador oficial, coronel Flaviano Mattos Vanique, gaúcho, ex-chefe da guarda pessoal de Vargas, atribuía a patriótica tarefa do desbravamento a uma sombria combinação de ignorância com força bruta. "Vanique não aceitava lealdade e não entendia nada de sertão. Foi encostado no mato por desavenças com a irmã do presidente", alfineta Orlando, que emenda outra porreitada



A BR 159 sai de Barra do Garças (MT) rumo ao norte. É a estrada do boi

Bôas emprestaram a perna a esse passo claudicante do país rumo ao desconhecido. "Só quando chegamos no Mortes, por volta de 46, é que começamos a dar conta de que os tais vazios cartográficos estavam cheios. De índios — e bravos", situa Orlando. "Houve um momento", conta, "que o destacamento da força pública de Goiás chegou a ser cogitado para uma 'limpeza' na área xavante, perto do Mortes. Mandamos denuncia sigilosa ao Rondon pelo jornalista Costa Rego. O massacre foi suspenso, mas acabamos descobertos e enviados para

onde estavam se metendo, os Villas Bôas emprestaram a perna a esse passo claudicante do país rumo ao desconhecido. "Só quando chegamos no Mortes, por volta de 46, é que começamos a dar conta de que os tais vazios cartográficos estavam cheios. De índios — e bravos", situa Orlando. "Houve um momento", conta, "que o destacamento da força pública de Goiás chegou a ser cogitado para uma 'limpeza' na área xavante, perto do Mortes. Mandamos denuncia sigilosa ao Rondon pelo jornalista Costa Rego. O massacre foi suspenso, mas acabamos descobertos e enviados para

a linha de frente. Como se dissessem: tá bom, então cuidem vocês da indaiada. E lá fomos nós. O resto é história", resume o sertanista.

Personagens dessa história, povoada de conflitos entre figurantes e enredo, continuam a perambular nas trilhas da Roncador—Xingu. São como rescaldos vivos de grandes epopéias, onde a sobreposição de sonhos espatifa versões e desenlaces. Em Xavantina (MT), por exemplo, fundada em 1944 pelos expedicionários, muitos conhecem o negro Evaristo Souto. Ele tem 83 anos, mora em casa modesta, numa rua de terra da cidade que viu nascer, ajudado a construir e tem quase 15 mil habitantes. Garimpeiro, nascido em Porto Nacional (TO), perambulava pelas corrutelas do Araguaia nos idos de 43. "Um dia, me lembro como se fosse hoje. ouvi num rádio de bateria que o Getúlio ia fazer uma trilha para romper o Roncador. Pensei, não vou perder essa chance. Rumei pro Garças (Aragarças, GO, de onde a expedição saiu) e me aliciei." A voz hesitante busca reforço nas mãos compridas, descarnadas pelo tempo. Seu Evaristo foi cozinheiro, foi braçal, encarou uma invasão de 50 índios esfomeados no posto de Xavantina e



Em 1947, após fundar Xavantina e cruzar o rio das Mortes, a expedição chega ao Bico da serra; prepara-se para vencer o Roncador. Daí em diante, intensificam-se os contatos com tribos que vão ajudar na abertura de picadas e pistas de pouso

se aposentou pela Fundação Brasil Central. Hoje recebe 2,5 salários por mês. Não reclama do ganho, mas da desilusão. "O Getúlio prometeu terra e casa para todos. Para o povo da expedição, lotes bons, coisa grande mesmo: depois, para a pobreza do país, glebas para plantar e morar. E só no fim, o que sobrasse, se sobrasse — sublinha balançando o indicador magro no ar —, seria entregue aos capitalistas, aos fazendeiros. Quando foi ver, seu moço, fizeram tudo ao contrário", esbugalha os olhos miúdos borrados de velhice, mas com um tiquinho de brilho faiscante lá no fundo. "Fizeram tudo invertido, seu moço. Tudo invertido", repete na despedida rápida, com aquela rapidez de ancião que não quer mais incomodar, nem ser incomodado — "obrigado, seu Evaristo". É o que a gente consegue dizer, assim meio sem jeito com o destino desses homens que ajudaram a batizar o Brasil.

O que atropelou o sonho de seu Evaristo foi a boiada que veio atrás dele pela trilha pioneira. De Barra do Garças (MT) em diante, avançando pela BR 158 — salpicada de cidades e vilas que se ergueram no rastro da expedição —, e isso até encostar no Pará, e mesmo além da divisa, formou-se um corredor boiadeiro considerado um dos principais redutos de engorda de gado do país. É uma área imensa, com quase 1.500 quilômetros de extensão, onde campos cerrados e matas virgens vão dando lugar a pastos, cuja largura se espalha de ano para ano. E isso dos

dois lados da pista, que depois de Xavantina (MT) perde o asfalto e a vocação rodoviária e oscila entre um relevo trepidante, crateras profundas e poeirão esparramado. Do lado direito, a leste, fica o Mortes; à esquerda, vai dar no rumo do Xingu. Hoje o Centro-Oeste tem 31% do rebanho nacional. Um efetivo de quase 60 milhões de cabeças — seis vezes mais que o sonho do ministro João Alberto. A engorda nesse pedaço do Mato Grosso reúne cerca de 2 milhões de cabeças e avança para terras cada vez mais distantes, a norte e a oeste, em busca do alqueirão barato, com solos de melhor qualidade, que compensem a desvantagem da distância. A estrada de qualquer forma



Orlando e Leonardo nos anos 50. Os Villas Bôas alcançaram a Cachoeira Von Martius em 1951 e retornaram à cabeceira do Xingu. Em 1954, apoiaram a resistência tribal contra o avanço da pecuária em terras cedidas pelo governo do Mato Grosso



Evaristo Souto é um dos sobreviventes da Roncador-Xingu (ao lado, em 1952, com índios xavantes). "Getúlio prometeu terra para a pobreza, mas beneficiou os ricos"



é essa: a 158, que depois de Aló Brasília — um comercinho, a uns 600 quilômetros de Barra do Garças —, se bifurca na 080 e na "Perdida", trecho em que o topógrafo perdeu o rumo, mas acabou incorporado também pelo arame. Seja qual for o destino, o gado tem que passar por aqui.

O boi gordo, pronto no braquiário extensivo, viaja de caminhão para o abate, em boa parte feito na Barra. O magro segue para os retiros em comitivas, que já começam a pipocar nesse final de setembro, mas em trajetos curtos. A peãozada ociosa ruma para o palito de fósforo e desemprego em bares e botecos, mas confia no recrutamento dos condutores. "A coisa melhora em outubro. Com corteza", garante o peão Aparecido Neves, paulista de Wenceslau Brás, que usa cinturão de caubói, está na região há 18 anos e não tem dinheiro nem para o cigarro. Comitiva sem chuva ajuda o peão, mas sacrifica o boi. E o negócio aqui é o boi. O animal precisa ter garantia de água e de pastagem, em deslocamentos que podem durar até 40 marchas (dias), com pouso (pernoite) de 15 em 15 quilômetros. Tudo gabaritado pelo ponteiro, que segura a boiada no berrante para não perder o rumo nem a cadência Goulart; assume o general Castelo Branco, apalavrados pelo condutor.

## Rumo ao oeste O avanço branco no Brasil Central

1942- Brasil declara guerra à Alemanha. Ditadura de Vargas cria Coordenadoria de Mobilização Econômica para redefinir o desenvolvimento nacional.

1943- Anunciada a Expedição Roncador-Xingu. A propaganda do Estado Novo diz que "o verdadeiro sentido da brasilidade é a Marcha para o oeste".

1943/46- Expedição sai de Aragarças (GO), corta o rio Araguaia, entra no Mato Grosso, lunda Xavantina (MT) e alcança o rio das Mortes. Primeiros contatos com caiapós e xavantes. De agora em diante, a missão prossegue com apenas duas dúzias de homens, garimpeiros rudes em sua maioria.

1947/48- Expedição atravessa a serra do Roncador e chega no rio Culene. Contata Camairurás, jurunas, meiacos, sulás e desemboca no Xingu.

1949- Orlando Villas Bôas assume a chefia da Roncador-Xingu em substituição ao coronel Flaviano Mattos Vanique.

1950- Vargas volta ao poder. O Brasil entra na era da televisão com a PRR3/TV Tupi. Expedição abre picada de 300 quilômetros até o vale do rio Teles Pires.

1951- Contatos com os caiabis, no Pará; chegada na cachoeira Von Martius. "Repórter Esso" noticia avanços da Expedição na voz de Heron Domingues.

1953- Greve de 300 mil operários em São Paulo. Villas Bôas quase são massacrados pelos caiapós na Von Martius.

1954- Suicídio de Vargas cria comopção nacional. Governo do Mato Grosso cede terras indígenas a fazendeiros. Villas Bôas apoiam resistência tribal.

1960- Juscelino inaugura Brasília, mas alega não ter força política para criar o Parque do Xingu. Expedição atinge o centro geográfico do país.

1961- Jânio Quadros cria Parque Nacional do Xingu, condecora "Che" Guevara e renuncia. Morre Leonardo Villas Bôas.

1962- Consolidação da reserva do Xingu sob a direção dos Villas Bôas. Questão agrária agita o cenário político.

1963- Criado o Estatuto da Terra para disciplinar conflitos fundiários.

1964- Golpe militar derruba João Goulart; assume o general Castelo Branco, que mantém Villas Bôas no Xingu.

1965- Repressão política promove demissões em massa na Universidade de Brasília, criada por Darcy Ribeiro, um dos patronos do Parque do Xingu.

1967- Fundação Brasil Central, braço administrativo da Roncador-Xingu e extinta. Surge a Sudeco, para acelerar a ocupação do Centro-Oeste. Criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

1968/69- AI-5 suprime todas as liberdades e impõe censura à imprensa. Militares adotam colonização do Oeste e da Amazônia como estratégia geopolítica de segurança nacional.

1970- Anunciada construção simultânea de

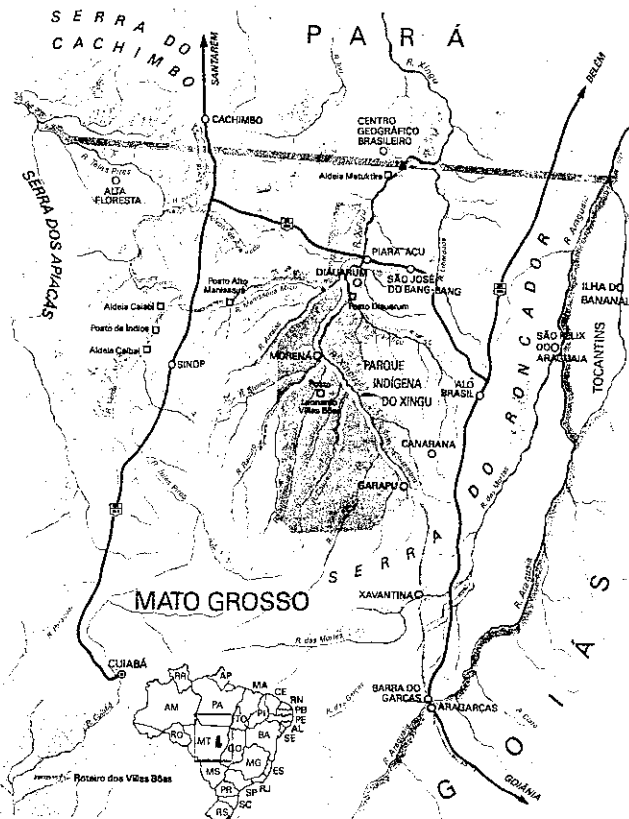
três estradas: Transamazônica; Cuiabá/Santarém e a Boa Vista/Manaus.

1972/74- Villas Bôas denunciam massacre indígena na rota da Cuiabá/Santarém. Brasil vive auge do "Milagre Econômico" e da repressão política. Raoni recusa-se a abandonar área pretendida por pecuaristas no Mato Grosso.

1975- Villas Bôas despedem-se do sertão. Incentivos fiscais aceleram ocupação do Brasil Central e da Amazônia com grandes projetos agropecuários.

1976- Índios massacram 11 peões que desmatavam área do Xingu na divisa com São José do Bonfim-Bangue (MT).

1995- Em agosto, Programa Prevfogo (Ibama-Inpe), registra médias diárias de até 1000 focos de incêndios no Mato Grosso, líder nacional em queimadas.





A 750 quilômetros de Barra do Garças (MT), a civilização do boi e a do índio se...

...cruzam. De um lado, fogo e pasto; de outro, apego à natureza

a seca, por enquanto, quem se desloca mais é o correntão, a motosserra, o fogo e o trator de grade que faz o acabamento das derrubadas e alarga um cenário que se renova a cada horizonte. É como se o mundo fosse acabar em pasto e cerca. No trajeto da BR 158, nasceram alguns dos maiores e mais polêmicos projetos pecuários do país. A maior fazenda de boi do mundo, a Suiá-Miçu — hoje desmembrada — ocupava 1 milhão de hectares, algo como sete cidades de São Paulo, entre o rio das Mortes e o Xingu. Instalada no final dos anos 60, início dos anos 70, foi beneficiada com incentivos de milhões de dólares e a transferência desastrosa de tribos xavantes para fora da área, feita em aviões da FAB. As marcas desse passado que desperdiçou recursos, penalizou aldeias, derrubou matas e produziu muito boi de papel, mas pouca carne, estão expostas ao longo da 158. Porteiras quebradas, pastos enormes sem uma cabeça de gado e a juquirá, que toma conta de áreas imensas e representa o sinal mais feio de que a coisa não era para valer. Hoje os incentivos terminaram. Os pecuaristas afirmam que a atividade modernizou-se nas mãos de profissionais. Mas o fogo continua e as derrubadas não páram. Na contabilidade do boi, ainda é mais negócio abrir área nova, do que recuperar pasto praguejado e terra empobrecida, muitas vezes semeada de inajá — um coquinho do mato, capaz de infestar tudo, mesmo depois de 30 anos de dormência no solo. A vingança do inajá é coisa terrível. Pelo menos para o dono da terra.

Percorrer uma floresta recém-queimada, um braseiro desses ainda latejante, cena comum neste final de setembro, de Ribeirão Cascalheira em diante, é uma experiência perturbadora. É como transitar num crematório da natureza. Exceto troncos maiores e disformes, o fogo que arde sem peia, como se diz por essas bandas, não deixa testemunhas. Peles, cores, penas, cascas, nada sobra para contar a história. Não a morte. A floresta e tudo o que não conseguiu fugir desintegram-se num braseiro hipnótico que consome também a voz de quem olha. É um sumidouro de vidas, de mortes

e de palavras. Um espesso, latejante silêncio cinza. Mas no sentir rude do tratorista Augustinho Oliveira, que desliza 8 mil hectares entre as cidades de Garapu e Canarana — depois do Roncador, a uns 40 quilômetros do Culuené —, fogo também é movimento. Um espetáculo de fauna em fuga desorien-

tada pelas labaredas que ele presenciou há dias e descreve excitado, pedindo prosa: "Vi muita anta trombanda, vara de queixada sem rumo e onça, onça mesmo, seu, esturrando logo ali — ali ó", insiste apontando o rumo das pegadas. Lá estão elas, marcas nítidas de onça e anta numa estradinha de

"maisená", que é como se denominam esses caminhos pavimentados por grossas camadas de fina poeira. Não tememos porque viemos prevenidos num jipe JPX, de tecnologia francesa, testado e aprovado pela Legião Estrangeira para uso no deserto. A nossa frente, porém, uma ema retardatária, que a

natureza não previu para funcionar em fogo e areião — já que é nativa de campos arcejados —, tenta reagrupar filhotes sem rumo, prováveis sobreviventes dessa triste diáspora que deu movimento à rotina bruta do Augustinho.

Não é só a ema que se desespera e se agarra à cria. Ao contrário dos filmes de faroeste, onde fumaça é sinal de perigo para o branco, aqui são os índios, muito apegados a seus curumins, que assistem aprensivos o fogo estalar no mato, lambem divisas e muitas vezes invadir suas terras. Existe um ponto, 750 quilômetros ao norte de Barra do Garças, onde a estrada do índio (o rio Xingu) e a do boi (a BR 080, uma continuação da 158) se encontram de forma pedagógica. É uma vitrine de duas culturas que exhibe um contraste duro, de difícil conciliação, entre

mato e pasto, água e fogo, boi e gente, índio e branco. São duas concepções de mundo e de desenvolvimento, uma dualidade que remete aos primórdios da aventura dos Villas Bôas e que eles tentaram bifurcar e distanciar ao máximo para dar tempo ao tempo, na busca de uma reconciliação. O nome desse entroncamento é São José do Xingu. Mas ao contrário da praia sagrada do Morená, que deixamos lá para trás, aqui não é um campo santo. Aqui é o Bangue-Bangue. O apelido, no caso, revela mais que o nome. Eis a história:

ão José do Bangue. Ou Bangue-Bangue, para que não pare dúvidas sonoras nem existenciais, nasceu — ou talvez fosse melhor dizer sobreviveu — em meio a um tiroteio cerrado. "A lei aqui era quem acertasse primeiro, porque atirar todo mundo atravava", resume Romeu Leoncine, um pioneiro falante, paulista de Pereira Barreto, que doou terras de sua fazenda, "Nirvana" (sic), para o início do povoamento, em 1974. "Com as derrubadas", conta, "primeiro, vieram os peões; no seu rastro, a pinga; então chegaram as putas da rua da Mandioca; depois os pistoleiros. Nem tinha cemitério ainda, começou a sobrar 'presunto'. Então mandaram a polícia. Por último, o padre e os políticos. Mas hoje tá tudo em paz". Na seqüência de "pês", ele resume a trajetória de uma típica frente pioneira branca, que um folheto municipal garante "veio trazer a civilização para o Xingu". Os índios tiveram uma outra impressão. Em 1976, massacraram a bordunadas 11 peões que iniciavam uma derrubada já nos limites do Parque do Xingu. Ao contrário das queimadas, eles deixaram testemunha. "Sobrou um para contar a história", lembra seu Romeu, que afirma ter boas relações com as tribos atualmente.

Entre tiros e bordunadas, Bangue-Bangue teve que recuar seu perímetro em 12 quilômetros. Perdeu a batalha, mas não o ímpeto "civilizador". Trocou a bala pelo boi e denomina-se com orgulho "capital do boi gordo". Não sem alguma razão. São 6 mil habitantes para 350 mil bois em 13 mil quilômetros quadrados de pasto



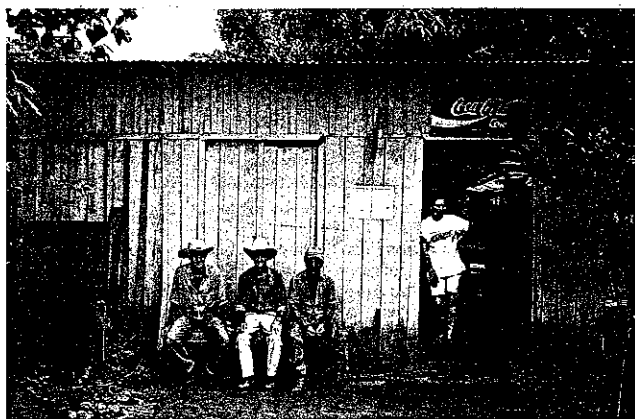
Queimada entre Garapu e Canarana, perto do rio Culuené, já depois do Roncador, no Mato Grosso. Um sumidouro de vidas, de mortes e de palavras. Menos para Augustinho, um tratorista que se anima com a fuga louca de antas, queixadas e onças. "Ali, ó!"



pronto, derrubadas em marcha e queimadas que frequentemente eclipsam o sol, provocam vendavais e tempestades. Tudo concentrado a apenas 37 quilômetros da barranca do Xingu, em terras contíguas às da reserva. Esse Bangue-Bangue à brasileira é o símbolo de tudo o que os irmãos Villas Bôas queriam evitar quando escolheram a região remota do Xingu para sediar o parque, pelo qual lutaram junto com brasileiros ilustres como Rondon, Darcy Ribeiro, Antonio Callado entre outros. Para contar melhor esse pedaço da história, vamos fazer um intervalo numa viagem que deixa a boca seca, a pele untada de pó e a alma chamuscada pelo fogo. Vamos retornar um pouco a São Paulo, a 3.500 quilômetros do Bangue-Bangue.



Uma tenta reagrupar filhotes esparramados pela ação do fogo



Bangue-Bangue tem 6 mil habitantes e 350 mil cabeças de boi. Fica vizinha ao Parque

3

uita gente já criticou os Villas Bôas pelos serviços que prestaram. Ir à frente, contar índios arredios, ganhar sua confiança e atraí-los para o Xingu. Logo depois, seu território era cortado por estradas, invadido pelos brancos e transfigurado. Essa dualidade, que marcou toda a Roncador—Xingu, persistiu até o último contato feito pelos valentes irmãos. Em 1975, numa tarde chuvosa de janeiro, Orlando comandava pessoalmente a transferência dos crenacaros — “os índios gigantes” —, trazidos do rio Peixoto Azevedo, no vale do Teles Pires, para o Xingu. Aos 62 anos, era a sua despedida do sertão. E a de Cláudio também, que no reveillon de 1972 armou sua rede sozinho na margem do Peixoto Azevedo à espera de uma “visita” de fim de ano. As terras dos Crenacaros estavam na mira da Cuiabá—Santarém. “Além disso”, conta Orlando, sério, “o Peixoto Azevedo era um rio condenado: tem diamantes na cabeceira e ouro na foz. Milhares de garimpeiros estavam invadindo a área enquanto a picada da Cuiabá—Santarém vinha comendo no sentido sul—norte”. No dia da transferência, os índios gigantes formavam um grupo de apenas 79 pessoas; 81 já haviam morrido de doenças infecciosas trazidas pelos garimpeiros. Depois da mudança, dezenas ainda tombariam. Hoje, seus remanescentes tentam reconstruir-se

como povo no Xingu. O grande vale do Teles Pires, de onde também seriam transferidas aldeias caiabís, foi tomado por projetos de colonização agrícola. Em torno deles, e da Cuiabá—Santarém, nasceram Sorriso, Sinop. Lucas do Rio Verde, Renato e Matupá entre outras cidades. “Você não controla uma frente pioneira servida por uma estrada. E nós tínhamos uma alternativa para a preservação física e cultural dessas tribos: o Xingu”, resume Orlando.

Na verdade, o que os Villas Bôas fizeram foi acelerar uma tendência. Os pesquisadores admitem que dezenas, talvez centenas de anos antes do surgimento do parque, o vale do Xingu já

havia se transformado no ponto de fuga espontâneo de povos acossados pelo avanço branco em todo o país. Isso explicaria, por exemplo, a inusitada multiplicidade de línguas faladas ao longo do rio. Quem confirma essa tese é um dos olhos do Brasil. Um homem que faz parte desse grupo seleto que nem precisa de mapa para falar de um país do “tamanho de um bonde”, que ele conhece e guarda inteirinho na cabeça. Ouçamos o mestre dos nossos relevos, de nossas águas e matas: o brasileiro plural Aziz Ab’Saber. O professor é geólogo, geógrafo e pensador e quando ele cerra os olhos voltados para a memória é como se o país



No final da setembro, as comitivas começam a pipocar; logo as boiadas vão ocupar a BR 158

désfilasse à nossa frente, numa viagem conduzida pela sua voz:

“A geografia ajudou muito o sucesso do parque”, confirma de saída. “Acontece que o Mato Grosso tem uma terminação da Chapada dos Guimarães, aí vem uma depressão com vales de oeste para leste flexionados em direção à Amazônia. Além da depressão, em vez de um maciço, surge uma chapada de sedimentação contínua, batizada Serra do Roncador. Nesse miolo entre duas chapadas nasce o Xingu. Suas cabeceiras formam uma espécie de espalmaaão. Uma vassoura de afluentes, capitaneados pelo Culuene, o Ronuro e o Batovi. Protegido desse lado, o rio também resiste à penetração a partir da sua foz, no Amazonas, precedida de 200 quilômetros encachoeirados, com início na Von Martius. Por isso, virou um refúgio. Um santuário de povos que são raízes da humanidade. E um privilégio tê-los como nossos contemporâneos com sua lição atualíssima de convivência étnica e cultural. E pensar que tem gente que quer transformar tudo isso em pasto?” O professor conclui e ainda se desculpa: “Não sei se deu para ajudar”.

Os irmãos Villas Bôas não ouviram as palavras do mestre Aziz, mas é co-

mo se tivessem participado da conversa. O que eles dizem agora é uma conclusão natural daquilo que o velho professor acaba de ensinar: “A diluição dessas culturas pode ser feita de duas maneiras: pela incorporação secular; ou pela destruição deliberada. Reduzir reservas indígenas, ao invés de consolidá-las, como querem os defensores da revisão territorial, é decidir criminosamente pela segunda opção”, atira Orlando. Uma flechada logo seguida de uma bordunada, que o homem nesse assunto não brinca:

“Mandei um fax à primeira-dama, que por sinal é antropóloga. Aguardo seu posicionamento. Contra, claro”.

Orlando vai atender a um telefonema, um convite de uma cidade do interior paulista, e nós voltamos à barranca do Xingu, 37 quilômetros além do Bangue-Bangue. Vamos conferir a pergunta que o explorador alemão Von Steinen, que percorreu a região em 1884, deixou registrada em seu diário sem disfarçar certo arrebatamento: “Não é claro como a luz do sol que a província de Mato Grosso possui tesouros mais



Janeiro de 1975, um dia triste e chuvoso. Os Villas Bôas despedem-se do sertão. Sua última tarefa: transferir os índios gigantes, os crenacaros, do rio Peixoto Azevedo (PA) para o Parque do Xingu. A terra da tribo ficava na rota da Cuiabá/Santarém e fora invadida





A aldeia caiapó metukirê é uma das mais isoladas. Fica na reserva do Jarina, entre Pará e Mato Grosso

valiosos que ouro ou diamantes?"  
É noite no Xingu — uma escuridão densa e primitiva. Estamos no coração do Brasil, a 250 quilômetros por água, das cabeceiras do rio, na aldeia Metukirê, já na reserva do Jarina, onde começam os primeiros pedrais da cachoeira Von Martius. É o ponto acessível mais próximo do centro geográfico nacional, que fica a 10° ao sul da linha do Equador e a 53° a oeste de Greenwich. Estamos em terra caiapó, dentro de uma maloca onde um índio canta aos espíritos. A voz profunda e grave parece verter das dobras do tempo. Estranha e humana, ela evoca o desconhecido, mas fala a todos nós. Mesmo sem entender é difícil não se emocionar (Leia "O Xingu é meu!", carta do chefe caiapó Raoni aos Villas Bôas).



A aldeia está recolhida, mas ao longe ecoa um rádio à pilha. Pela batida familiar não resta dúvida: é rock-n'-roll... Não é exatamente o que se espera ouvir nas barbas do centro geográfico brasileiro, mas é certo que em 1960, quando alcançou-o com a precisão milimétrica de cálculos militares, Orlando Villas Bôas também enfrentou um relativo desconforto. Ele conta que

encontrou, lado a lado, um imponente jatobá e um não menos vigoroso panelão de saúva. O saveiro carregado de simbolismo figura também no romance "Quarup", de Antonio Callado, ambientado no Xingu. Parece que a vocação do centro geográfico brasileiro é mesmo produzir metáforas irreverentes do país. Não conseguimos chegar até lá para conferir quem



O professor Ab'Saber diz que o relevo arreado fez do Xingu um refúgio natural que incluí o centro geográfico do país — a 18 quilômetros do jatobá, abaixo da Von Martius

predominou depois de 35 anos: o jatobá ou a saúva? Faltaram 18 quilômetros de mata renhida, coisa para expedicionário da Roncador-Xingu. Mas se não fomos até ele, o centro pátrio veio até nós trazer a versão revista e atualizada da metáfora dos anos 60, nessa confluência noturna de rock e canto índio, arrematada pelo coro solene da Von Martius ao fundo.

Os puristas certamente desautorizariam o centro geográfico por conduta incompatível com a liturgia do cargo. Mas, há que se reconhecer, seu ecletismo reflete o espírito fragmentado dos anos 90 e encerra uma lição inequívoca de contemporaneidade. Não há mais mundo intocado num planeta onde a comunicação e a economia conectaram todos os espaços, inclusive a distante noite caiapó. O lado bom de tudo isso é que espelha uma crise inusitada de fartura de meios — e de bens. Pela primeira vez numa História marcada pela escassez, o saque e a conquista territorial, a tecnologia coloca o homem no limiar da abundância. Produz-se cada vez mais, utilizando-se cada vez menos mão-de-obra. A multiplicação dos peixes aconteceu antes que a humanidade aprendesse a dividi-los. Mas a precedência não invalida o prenúncio de uma nova fronteira. Se usassem folhinha, os povos que pagaram o preço mais alto pela ofensiva primitiva sobre os recursos naturais, estariam a essa altura torcendo pelo século XXI.

té hoje, a cada século de história o Brasil matou uma média de 1 milhão de índios, 92 tribos foram extintas nos últimos 95 anos. De uma população original de 4 a 5 milhões, restam 300 mil. Estão reunidos em 200 grupos, 577 aldeias, falam 17 línguas. Ficaram com apenas 10% de um território que era seu — 89 milhões de hectares, ainda não sacramentados. Para se ter uma idéia, isso representa menos de 60% das terras que o Incra tem catalogadas como latifúndios improdutivos... Os índios perderam quase tudo, mas ainda não perderam a memória. E o povo caiapó é nesse sentido o mais orgulhoso dos grupos sobreviventes. Talvez por isso



"Eu estou aqui segurando a terra"



"Não quero fazendeiro"

## "O Xingu é meu!"

Carta de Raoni aos Villas Bôas (\*)

"Orlando, Claudio:

Eu estou aqui na tua espera. Como você era eu não esqueço. Você conheceu meu pai, meu irmão. Eu era rapaz novo (\*\*). Eu sempre lembro você e Claudio. Nós trabalhamos juntos no Leonardo e no Diauram (\*\*\*). Quando encontrei você eu não entendia ainda sua língua. Aprendi o português com você. Você sempre contava história de gente ruim para índio.

Você falou que ia acontecer muito problema com meu povo. Muito problema... Lembrei disso quando fazendeiro fez hotel no rio Liberdade (\*\*\*\*). Pescador tava acabando com peixe no rio. Índio ia pescar na boca do Liberdade, não tinha mais peixe. Por isso eu briguei com dono... mandei tudo embora. Eu não machuquei. Peguei assim e falei: vão embora! Eu fui com cinco guerreiros. Peguei barco, peguei motor... Agora tá fazendo aldeia lá. Tiraram mata onde era cemitério de meu pai; eu não gostei disso. Fazendeiro quando entra aqui eu prendo, amarro e mando embora. Não quero aqui! Vão embora! Eu falei. Aqui não é de fazendeiro, não é de Funai, não é de Nama.

O Xingu é meu! Xingu é do meu povo.

Orlando, Claudio: eu estou aqui segurando a terra. Não quero fazendeiro, não quero garimpeiro, nem madeireiro aqui. Não quero que acabe mata, bicho, o peixe. Você é inteligente, você explica tudo para nós. Quando deixou nós, Orlando, você falou pra nós ficar de olho aberto. Ficar forte para defender a terra. Nunca esqueci. É só isso. Eu estou mandando abraço muito grande para você, pra Claudio, pra seu filho e pra Marina."

Raoni



Com Becuicã: "Índio não destrói"

(\*) Carta ditada em 26/9/95 na aldeia Metukirê, reserva do Jarina, extremo norte do Mato Grosso.

(\*\*) Raoni tinha entre 15 e 18 anos quando conheceu os Villas Bôas, em 1953.

(\*\*\*) Postos da Funai no Parque do Xingu.

(\*\*\*\*) Afluente da margem direita do Xingu, no Pará.

sejam também os mais arredios e valentes. Foram eles, os txucarramães — homens sem arco, Jatais na borduna —, que quase massacraram os Villas Bôas, em meados de 1953, numa margem de pedra do rio, aqui perto. Os caiapós acreditam que vieram do céu num facho de luz e testemunharam toda a formação do mundo: rios, matas, bichos, peixes, a vida enfim. Nutrem uma profunda convicção de que têm direito a tudo isso, para sempre. Não foram poucos os que questionaram e sentiram o argumento pesado da borduna e, mais recentemente, de rifles 44. *Bangue-Bangue que o diga... A voz que hipnotiza a noite e extravaza a maloca parece dizer que vai resistir nessa certeza primal. Até que o resto do mundo esteja preparado para entendê-la.*



Lagoa Ipavu: infância sem fome protegida pela natureza e pela cultura

dono da voz é um guerreiro de 1,80 m de altura que o mundo branco aprendeu a conhecer e a identificar pelo acocacá, o vistoso botoque de madeira cajá, implantado no lábio inferior, que ele alisa enquanto fala, como se fosse um cavanhaque. Seu nome é Raoni, chefe caiapó. Ele já rodou o mundo em busca de recursos para demarcar as reservas de sua gente e foi ajudado nisso pelo inglês Sting, um cantor de rock de quem se tornou amigo. Mas nem por isso Raoni trocou de ritmo. Ele canta para manter seu povo junto à terra — e os brancos, afastados dela.

Experimentamos na pele essa firme determinação. Na chegada à aldeia, Ernesto, o fotógrafo de GLOBO RURAL, foi confundido com o administrador de um hotel-fazenda que os caiapós atacaram e ocupam, há meses, armados até os dentes para impedir a pesca na boca do rio Liberdade. Cercados pelos guerreiros na casa dos homens — ngõb —, que fica no centro da aldeia, nem com a entrega de presentes conseguimos desfazer o mal-entendido. A tensão só diminuiu quando demos notícias de Orlando e Claudio Villas Bôas. Só aí, Raoni, que até então permanecia sentado, cabeça baixa, soturno, nos olhou pela primeira vez. Abriu os presentes devagar e ensaiou uma aproximação em língua "neutra": "Very good". A brincadeira quebrou o



Altiwez caiapó: tradição e orgulho indomáveis

gelo, rimos todos e descobrimos o outro lado da força caiapó: a hospitalidade. Dormimos na maloca de Raoni e testemunhamos o esforço tenaz desse chefe espiritual para chamar seu povo às tradições. No canto noturno, na dança matinal acompanhada de disparos de 44, nas conversas e poses na ngõb, ele revela a grande inteligência intuitiva de quem sabe que a sobrevivência cultural é uma luta de vida ou morte. Fomos com ele e a mulher, Becuicã, no trabalho da roça. "Índio diferente do branco", explica antes que se pergunte. "Índio derruba pouco mato de cada vez. Um ano depois de colheita, mato volta, porque índio não tira raiz, não destoca, não destrói como branco". Partimos depois de dois dias, massacrados pela artilharia de piuns (mosquitos), mas com a certeza de ter encontrado um bom motivo para sentir orgulho do Brasil nos domínios

desse irônico, mas sempre arguto, centro geográfico.

O gigantismo das velhas lideranças do Xingu é um fenômeno que fascina, mas que também atemoriza — no bom sentido. O que acontecerá quando esses chefes, todos eles contemporâneos dos Villas Bôas, na casa dos 70/80 anos, desaparecerem? Ianaiculá, jovem índio aculturado, diretor-administrativo do parque, preocupa-se. Ele foi criado no Rio de Janeiro por pais adotivos brancos. Conheceu os dois lados da moeda. Sabe a força que a propaganda e o consumo exercem sobre jovens índios. E tirou uma lição de vida: "Um índio jamais será feliz imitando o branco". Diz e exemplifica com a situação de tribos onde caciques-empresários passaram a comercializar riquezas naturais das reservas. "Abandonam toda cultura, pagam para pescar, mandam buscar até melancia de avião. Quando acaba a farra do dinheiro, perambulam pelas aldeias como se tivessem perdido o instinto da vida", desabafa. O impacto, segundo Orlando Villas Bôas, é brutal. "Um índio", explica, "dispõe em toda a sua existência de 80, a no máximo, 100 objetos de uso, a maioria feita por ele mesmo". Há trocas intertribais — o moitará — mas elas incluem critérios de solidariedade desconhecidos no mercado branco. Os objetos têm valor intrínseco, cultural, espiritual, não são redutíveis à mediação universal da moeda. Cada vez mais, porém, motores lamaha convivem com ubás nas



Desde 1500, o Brasil matou uma média 1 milhão de índios por século. No Xingu, tribos crescem 2% ao ano



Canato: sabedoria



Novas gerações: risco de dissolução



Tacumã: identidade

águas do Xingu; rifles 44 e 22 competem com o arco e flecha; o rádio à pilha seduz jovens e crianças. Motores, rifles e rádios exigem reabastecimento. E isso joga culturas distintas no liquidificador convulsivo do dinheiro.

Com Ianaiculá e Aru — o pilotoeiro trumai, de língua inexplicável —, viajamos para o sul do parque em direção às cabeceiras do Xingu, onde chefes tão imponentes quanto Raoni compartilham a mesma apreensão com esse novo ciclo de contato, agora com a modernidade tecnológica branca. Na sua sabedoria intuitiva, pressentem que a única chance de futuro para seus povos é preservar a essência que os distingue milenarmente do mundo carafba: ser uma cultura espiritualista associada à natureza. Se abdicarem desse vínculo, desaparecerão. Canato (Paru), pai do

cacique Aritana, chefe dos iualapitis, por exemplo, é a personificação de um desses elos. É a maior enciclopédia viva da medicina indígena brasileira. Por enquanto, sem sucessor. Tacumã é um pajé camaiurá em luta contra a dissolução tribal provocada pelas escolas brancas que ele expulsou da aldeia. Cuiussi — bravo chefe suiá — presente a ameaça diária que chega pelas ondas do rádio: "Eu converso com jovens para eles não ouvirem só forró; vão esquecer música suiá". Mas a ameaça branca também chega sob a forma líquida. "Todos os grandes afluentes e as cabeceiras do Xingu, exceto o Tuatuari", explica Ianaiculá, "nascem em áreas fora da reserva, que estão tomadas pelo pasto, pelas queimadas e pela agricultura". Essa intimidade cotidiana com a ideia da própria extinção, algo

que a cultura branca desdenha porque jamais experimentou, reflete-se especialmente na face de quem testemunhou o apogeu desses povos: no olhar dos velhos do Xingu. Eles sabem que o futuro de sua gente depende, muito, de uma mudança na trajetória da própria civilização que os ameaça. Nessa corrida contra o tempo, o que podem oferecer é um exemplo de resistência às novas gerações. Uma lição de tenacidade de quem acredita, como os caiapós, que para almejar o futuro não se pode abrir mão do eterno. Nem trocar o eterno pelo descartável.

Na viagem de volta, dormimos na maloca hospitaleira de Aru. Uma capivara caçada pelo chefe Covo — com rifle 22 — matou a fome dos 15 moradores da casa, das visitas e ainda presenteou a vizinhança. A música que ▶



Curumim: dura viagem ao século XXI

embala nossa rede esta noite é uma elegia à vida. Um acalanto de curumins que recheia a madrugada fria do Xingu com o delicado sussuro de bocas pequeninas sugando generosas tetas índias. A biologia pelo menos está vencendo a extinção nessa maloca trumai. E no resto do parque também. A população da reserva cresce a uma taxa média de 2% ao ano. Todas as aldeias, rios e lagos estão enfeitados de uma infância reluzente e sadia. "No Xingu não há desnutrição infantil. A criança aqui é feliz", informa a enfermeira Marina Machado, da Escola Paulista de Medicina — que tem convênio com a Funai há 30 anos e mantém plantonistas nos postos do Djauarum e Leonardo. Um povo que cuida assim de sua infância e reconhece na velhice uma fonte de sabedoria teria algo a ensinar a sociedades cuja pedra filosófica é o dinheiro, e a ética, um vale tudo em nome da eficiência?

A pergunta vagueia no hiato de tempo que divide a madrugada do amanhecer: são 5 horas da manhã. A cantoria da passarada estala no vazio. Em princípio, cheia de dedos e de circunstância, como se sondasse a largueza do ambiente para receber a algazarra selvagem e desmedida nessa hora em que o Xingumita a Criação. Vermelho e hesitante como um balão a gás, o sol tateia o recortado da mata do outro lado do rio, enquanto Aru banha-se com a família nas águas sonolentas da margem. O conjunto compõe uma cena referencial de diluição do homem no grande jorro da vida. É como se o rio fosse um ensaio de Iacuarráp — a sabedoria suprema. E daqui enviasse uma lição de paz ao mundo branco. Uma lição semelhante àquela que, em 1947, um camaiurá ensinou a três irmãos, três aventureiros que tinham cruzado o Roncador. E que se tor-naram grandes amigos de sua gente...

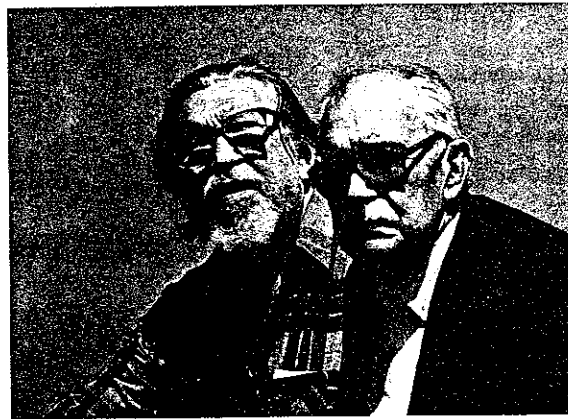
## A força do futuro é a diversidade

*"A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, em torno de nós e diante de nós. A única exigência que poderíamos fazer valer a seu respeito é a de que essa diversidade se realize de forma a que cada cultura seja uma contribuição à maior generosidade das outras (...)"*

*Não há, não pode haver uma civilização mundial no sentido absoluto que se dá freqüentemente a esse termo, já que civilização implica coexistência de culturas que ofereçam entre si o máximo de diversidade...*

*Uma civilização mundial só poderia ser a coalizão em escala mundial de culturas que preservam, cada uma, sua originalidade"*

(Claude Lévy-Strauss, antropólogo)



Orlando e Claudio saíram de uma família tradicional (em 1924, na frente, da esq. à dir., Claudio, Leonardo, Álvaro e Orlando) para inventar a coexistência com o índio